

JOÃO QUARTIM DE MORAES

Como fazer uma revolução

Livros de Che Guevara e Carlos Marighella serviram de referência para a luta armada, priorizando cenários diferentes

D

DUAS LEITURAS OBRIGATÓRIAS. Os autores tornaram-se mártires, ambos executados em combate. A principal diferença entre *A guerra de guerrilhas*, de Ernesto Che Guevara, e *Manual do guerrilheiro urbano*, de Carlos Marighella, era o terreno principal para o combate revolucionário. No campo ou na cidade?

Guevara publicou seu texto logo após a vitória da Revolução Cubana. *A guerra de guerrilhas* (1960) abre com o enunciado das três grandes contribuições da tomada do poder em Cuba para “a mecânica dos movimentos revolucionários na América”: as forças populares podem ganhar uma guerra contra o Exército; nem sempre se deve esperar que sejam dadas



todas as condições para a revolução – o foco de insurreição pode criá-las; na América subdesenvolvida, o terreno da luta armada deve ser fundamentalmente o campo. A primeira constatação confirma o princípio geral de toda revolução popular: além de legítima, a revolta contra uma ordem injusta pode ter êxito. A segunda enfatiza a importância da organização e a vontade de participar da Revolução. Afinal, esperar que todas as condições externas se reúnam é deixar-se empurrar pela inércia social. A terceira critica “os que com critérios dogmáticos pretendem centrar a luta de massas nos movimentos das cidades, esquecendo totalmente a imensa participação da gente do campo na vida de todos os países subdesenvolvidos da América”.

Essas três lições tiradas do êxito cubano comandado por Fidel Castro explicariam como e por que um pequeno núcleo de revolucionários tinha compensado sua inferioridade inicial no terreno militar pela mobilidade e pela superioridade tática. Essa combinação lhes permitiu escolher quando e onde atacar, mantendo sempre a iniciativa,

incorporando os camponeses em suas fileiras e estimulando o processo revolucionário de um canto a outro do país.

A vitoriosa experiência guerrilheira inspirou, ao longo dos anos 1960, dezenas de focos de luta armada na “América subdesenvolvida”. Nenhum, porém, teve sucesso. Alguns se dispersaram, os demais foram aniquilados. Entre esses o de Ñancahuazú, na selva boliviana, à frente do qual Che Guevara travou seu último combate. Preso pelas forças especiais antiguerrilha treinadas por “asses-

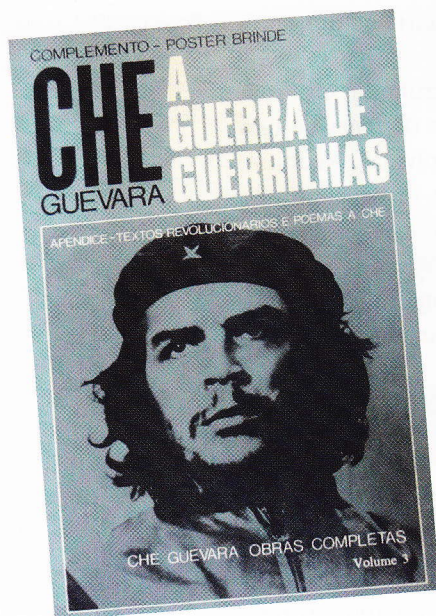
Che Guevara no Brasil, em 1961, quando foi condecorado pelo presidente Jânio Quadros. Sua luta em Cuba serviu de inspiração aos guerrilheiros no Brasil.

A guerra de guerrilhas confirma o princípio geral de toda revolução popular: além de legítima, a revolta contra uma ordem injusta pode ter êxito

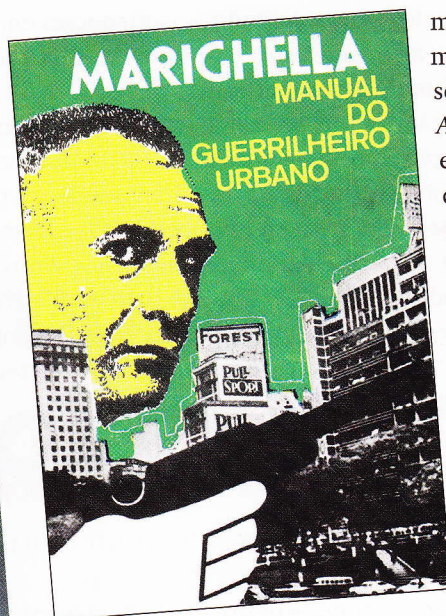
sores” enviados pelo Pentágono, ele foi executado sumariamente em 8 de outubro de 1967. Longe, porém, de desencorajar os que se inspiravam em seu exemplo, o trágico desfecho eternizou Che Guevara deixando seu nome na história das lutas revolucionárias latino-americanas.

CPDOC/IB / FOTO CAMPANELLA NETO





Edições das obras de Guevara e de Marighella. Propondo estratégias distintas, esses livros foram usados como manuais para a organização da luta armada no campo e na cidade.



É também das derrotas que se tiram lições. *A guerra de guerrilhas* sustenta que a luta armada deve se travar no campo por dois motivos complementares. Ao contrário das zonas urbanas, onde “os movimentos operários devem tornar-se clandestinos, sem armas, na ilegalidade e enfrentando enormes perigos”, “a situação não é tão difícil em campo aberto”, porque guerrilheiros e camponeses apoiam-se reciprocamente e operam “em lugares onde as forças repressivas não podem chegar”.

O Manual do guerrilheiro urbano apresenta minuciosas informações, prescrições e orientações dirigidas aos combatentes embrenhados na selva das grandes cidades

Por que, então, essa expectativa não se concretizou em 1967 na Bolívia? O apoio dos camponeses depende de uma identificação política com os guerrilheiros – o que ocorreu em Cuba, mas não na Bolívia, onde os combatentes não falavam quéchua ou aimará, idiomas de cerca de dois terços da população boliviana. No plano militar, eles aplicaram o requisito estratégico da coluna guerrilheira, que é a mobilidade constante, mas tiveram de enfrentar forças especiais treinadas pelos norte-americanos para operar em florestas e montanhas (os *rangers*), que se mostraram mortíferamente eficazes ao perseguir uma coluna guerrilheira isolada.

A melhor resposta para entender o que levou Che Guevara a encarar um combate que lhe foi fatal está no texto “Mensagem aos povos do

mundo”, publicado na revista *Tricontinental*, no mês de abril de 1967, em Havana, e que acabou sendo seu testamento político. A diferença para *A guerra de guerrilhas* está não só no tom do veemente brado de guerra da “Mensagem”. Che deixa em segundo plano as condições políticas que tornam viável o êxito da guerrilha para abraçar a estratégia de “criar dois, três, muitos Vietnãs”, abrindo novas frentes de luta nos mais diversos cantos do planeta.

Inspirados na experiência cubana, os movimentos brasileiros de luta armada vinham sustentando que o combate principal se travaria no campo e que as ações urbanas deviam subordinar-se estritamente à “preparação do foco”. Na prática, porém, seguiam outra direção, ainda não escrita: o essencial de suas forças estava sendo investido em ações nas cidades. *O Manual do guerrilheiro urbano* (1969), escrito por Carlos Marighella, reconhece e assume esse fato.

Preparado em plena clandestinidade, no fogo do combate, o *Manual* apresenta minuciosas informações, prescrições e orientações dirigidas aos combatentes embrenhados na selva das grandes cidades. Sem negar a importância da guerrilha rural, Marighella a encara como desdobramento futuro do avanço da guerra revolucionária urbana.

E era preciso agir rápido: “A mesa de discussão separa os revolucionários, a ação os unifica”. Com declarações assim, Marighella enfatizava a urgência da guerrilha urbana. Expressou-a também em frases coloquiais, como “Quem samba fica, quem não samba vai embora”. Não se tratava de mera pressa, mas de um raciocínio político bem amadurecido, segundo o qual o país vivia sob um regime de exceção, imposto por um ato de violência reacionária. O recurso da violência revolucionária para derrubá-lo era, portanto, plenamente legítimo. Ao renunciar a esse recurso, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) se pôs à margem do combate frontal à ditadura. Convencido de que a discrepância não era de ordem ideológica, mas estratégica, Marighella não propôs fundar outro partido. A decisão já estava tomada: luta armada contra a ditadura. A ação faria a organização.

A multiplicação das frentes guerrilheiras desgastou e desmoralizou as forças inimigas, obrigando-as a dispersar seu poder de fogo e ameaçando-as no triângulo Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, onde se concentravam as grandes indústrias e os principais centros do capitalismo. Atingindo



certa massa crítica, o efeito mobilizador das ações armadas instaurou uma situação de conflagração generalizada, tanto nas zonas urbanas quanto nas rurais. Os núcleos centrais da guerrilha formaram um exército popular. A vitória da revolução brasileira estaria então delineada no horizonte.

O otimismo dessas expectativas era excessivo. Elas não levaram em conta que o impacto inicial da luta armada se beneficiou da vasta mobilização democrática que foi desencadeada espontaneamente a partir de março de 1968 – atingindo grandes proporções, como na Marcha dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em junho. Porém, com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), de 13 de dezembro de 1968, a ditadura pôs em funcionamento seu dispositivo antiguerrilha. Baseava-se no emprego sistemático da tortura para arrancar dos presos políticos informações que permitiriam aniquilar, seguidamente, as redes clandestinas das organizações armadas. Estas ainda dispunham de recursos humanos consideráveis quando o *Manual* foi redigido, em junho de 1969. Em setembro, efetuaram a ação de maior impacto da guerrilha

urbana: sequestraram o embaixador dos Estados Unidos, obrigando a ditadura a trocá-lo por 15 presos políticos e a permitir a divulgação de um manifesto revolucionário. Dois meses depois, pistoleiros da Operação Bandeirantes (Oban) – rede de policiais e militares torturadores, financiados pelo grande patronato paulista – montaram a emboscada em que metralharam Marighella, em São Paulo, deixando a luta armada sem seu mais respeitado comandante. A guerrilha urbana resistiu ainda por três anos. No final de 1972, tinha sido quase inteiramente aniquilada num combate cada vez mais desigual.

Na falta do texto original ou de cópia fiel, as versões do *Manual* que circulam hoje na internet, muito mal traduzidas de línguas estrangeiras, contêm passagens incompreensíveis, que não fazem justiça ao bom português de Marighella. **H**

JOÃO QUARTIM DE MORAES É AUTOR DA TESE “LES MILITAIRES ET LES RÉGIMES POLITIQUES AU BRÉSIL: 1889-1979” (FONDATION NATIONALE DE SCIENCE POLITIQUE, PARIS, 1982).



Saiba Mais

GOENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. Rio de Janeiro: Ática, 1990.

PAZ, Carlos Eugênio. *Viagem à luta armada: memórias romaneadas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. São Paulo: Boitempo, 2004.



Carlos Marighella preso em 1964. O guerrilheiro defendia o uso da violência revolucionária para a derrubada do regime ditatorial.

A onda cubana

Centenas de guerrilheiros seguiram Fidel e Raul Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos pelas montanhas da Sierra Maestra. No caminho, conquistaram o apoio dos camponeses e enfrentaram o Exército em sucessivos confrontos. A fuga do ditador Fulgêncio Batista, em 1959, marcou o início de um período de instauração de guerrilhas por toda a América Latina e influenciou muitos opositores da ditadura brasileira.



**Novembro de
1956**

1 Exilado no México, Fidel Castro parte clandestinamente, em novembro, de Tuxpan com cerca de 80 revolucionários a bordo do iate Granma, com capacidade para acomodar apenas 12 pessoas. O destino é a costa sul da província cubana de Oriente.

**Dezembro de
1956**

2 Em dezembro, o Exército Revolucionário Cubano desembarcou por acidente na costa sudeste de Cuba e caminhou para Sierra Maestra, montanha que chega a atingir dois mil metros no seu extremo sudeste.





4 Outra organização revolucionária, o Diretório Revolucionário, invadiu o Palácio Presidencial em Havana, no dia 13 de março, na tentativa de assassinar Batista. Mais tarde, o episódio foi popularizado como Diretório Revolucionário 13 de Março.

Julho de 1958

5 Operação Verano - Cerca de 12 mil soldados foram enviados por Batista para Sierra Maestra, mas o Exército cubano terminou derrotado pelos guerrilheiros, que conheciam melhor o terreno, em 21 de julho.

6 Batalha das Mercedes - Já com um grupo de guerrilheiros bem maior, cerca de 300 combatentes caíram em uma armadilha e foram quase eliminados em Las Mercedes, província de Granma em Cuba, no dia 29 de julho. As tropas revolucionárias sobreviveram, mas acabaram recuando para Sierra Maestra em 8 de agosto.

Março de 1957

3 Três dias após o desembarque, os guerrilheiros foram cercados por tropas enviadas pelo ditador Fulgêncio Batista. O número exato de sobreviventes é controverso, mas sabe-se que não mais de 20 homens seguiram a marcha em direção a Havana.



LATINSTOCK / © LESTER COLE / CORBIS / (DC)

7 Em 21 de agosto de 1958, Fidel Castro traçou novo plano para abrir quatro frentes de combate na Província cubana do Oriente, que abrangia as regiões atuais de Granma, Holguín, Santiago de Cuba, Guantánamo e a maior parte da Província de Las Tunas.

8 Ao mesmo tempo, outras três colunas, sob o comando de Che Guevara, Camilo Cienfuegos e Jaime Vega passaram para oeste em direção à capital da Província de Santa Clara. A região incluía as províncias cubanas de Villa Clara, Cienfuegos e Sancti Spiritus.

10 Batalha de Yaguajay - A vitória no confronto, ocorrido em 30 de dezembro de 1958, ficou conhecida por fortalecer moral e numericamente o Exército revolucionário (Yaguajay é um distrito de Sancti Spiritus, Cuba central).

9 Apesar da coluna comandada por Jaime Vega ter sido destruída em uma emboscada, as outras duas chegaram até as Províncias Centrais (região central com diversas cidades incluídas), onde se juntaram com outros grupos sob o comando de Fidel.

11 Batalha de Santa Clara - Em 31 de dezembro, em Santa Clara, no centro da ilha, os guerrilheiros assaltaram um comboio blindado do Exército que vinha de Havana com reforços. A desproporção entre o número de soldados e o de guerrilheiros tornou a vitória revolucionária mais heroica aos olhos dos camponeses cubanos.

Janeiro de 1959

12 Enquanto uma coluna do Exército de Fidel Castro entrou no porto da cidade, outro grupo de rebeldes tomou a capital Havana. A Revolução tinha triunfado.



RONALDO PELLI

Memória irrestrita

Ex-revolucionários revelam diferentes opiniões sobre a ditadura. Mas numa coisa eles concordam: estavam 'do lado certo'

N

O DIA 28 DE AGOSTO DE 1979, o então presidente da República, João Batista de Oliveira Figueiredo, sancionou o que ficou conhecido como a “Lei da Anistia”. Ela concedia indulto a quem tinha cometido crimes “políticos ou conexos com estes” ou crimes “eleitorais” e também a quem tinha sido punido “com fundamento em Atos Institucionais e Complementares”. Eram beneficiados pela lei os brasileiros que abriram mão de sua juventude – conforme eles mesmos afirmam –, para lutar por uma sociedade mais igualitária, pela liberdade democrática, ou apenas aqueles que foram colocados na genérica categoria de subversivos. Além de devolver a cidadania



a essas pessoas, a lei contém, segundo um dos envolvidos na luta, alguns artigos que não foram escritos. Trata-se de um código de comportamento que, mesmo implícito, foi respeitado por uma parcela significativa de homens e mulheres dessa geração. “O primeiro: ‘Não falarás da sua luta’. O segundo: ‘Poderás falar do seu sofrimento, mas nunca da luta’”, enumera Carlos Eugênio Paz, um dos últimos comandantes da Ação Libertadora Nacional, a ALN, responsável por organizar e participar de diversas “ações revolucionárias” como, por exemplo, o “justiçamento” (as mortes dos agentes da repressão) do empresário dinamarquês Henning Boilensen. Além de financiar a ditadura, de acordo com os relatos dos revolucionários, Boilensen fazia questão de assistir às sessões de tortura. Para eles, seu assassinato era uma questão de justiça. Justiça revolucionária.

Paz acredita que a história de sofrimento, com prisões aumentando em escala exponencial ao longo da ditadura, e torturas cada vez mais “científicas”, que se “aperfeiçoavam” para retirar mais informações dos subversivos, é uma das prováveis explicações para a dificuldade de encontrar quem se autodenomine guerrilheiro hoje em dia. Para ele, entretanto, “Guerrilheiro não é somente quando você está com a arma na mão (...). É quase como uma concepção de vida”, argumenta Paz, que até hoje atende pelo nome de guerrilha, Clemente.

Para mostrar o alcance da luta, ele afirma ter feito um censo da ALN, no final de 1971, em todo o Brasil. Desde a sua criação, em 1966, haviam passado pela organização 15 mil militantes – ou guerrilheiros? – incluindo sua própria mãe, que ele diz ter recrutado para a luta.

“Mao Tsé-Tung calculava que para cada pessoa que pegava em arma, você tinha que ter cinco pessoas no apoio. A luta mostrou que você deve ter de 15 a 20 pessoas, que vão ser o ponto de apoio dentro daquela corporação”, calculou ele, citando como exemplo o caso de guerrilheiros que traba-

“Guerrilheiro não é somente quando você está com a arma na mão. É quase como uma concepção de vida”, segundo Carlos Eugênio Paz

lhavam como jornalistas nas seções policiais para trazer informações diretas do “inimigo”.

A história da transformação de Paz em Clemente data de quando ele era muito jovem. Quando o golpe aconteceu, ele tinha apenas 13 anos. Era um escoteiro, disciplinado, que quase ignorou o acontecido: apenas ficou feliz por não ter tido aula. Em seguida, com a reação dos politizados familiares, percebeu a catástrofe que tinha sido a derrubada do regime democrático. Aos 15 anos, conheceu Carlos Marighella, o criador da ALN, do qual virou

Mesmo décadas após o fim da ditadura, os guerrilheiros ainda são exaltados, como atesta a pichação sobre o Araguaia no muro da Central do Brasil, no Rio de Janeiro (abaixo).





Os jornalistas Cid Benjamin (no alto) e Andrei Bastos participaram de organizações guerrilheiras diferentes, mas se orgulham de terem lutado no "lado certo".

um ídolo. O líder comunista o selecionou para a sua organização fazendo dois pedidos: não se envolver com o movimento estudantil e entrar no Exército para aprender a atirar e descobrir como os militares pensam.

"Não existem muitas pessoas que, por sua experiência direta, tenham conhecido o cotidiano e as entranhas da luta armada desde o seu começo até o fim", escreveu o ex-ministro Franklin Martins sobre Clemente, no prefácio do livro *Viagem à luta armada*, de Carlos Eugênio Paz (1996), sobre o fato improvável de seu autor não ter sido preso, apesar da "repressão" o ter escolhido como um dos principais inimigos. Foi uma exceção.

A história de Clemente encontra curiosos paralelos na do professor de natação Rômulo Noronha, que atualmente trabalha na Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos. Assim como Clemente, Noronha era um robusto nadador que foi escolhido

por Marighella para atuar no Grupo Tático Armado, mais comumente chamado de "grupo de fogo", que reunia quem realmente pegava nas armas. Coincidência ou não, Noronha é outro que admite ter sido guerrilheiro – e, bastante assertivo, os dois não escondem até mesmo os erros cometidos. O professor de natação também serviu ao Exército: foi paraquedista. E os dois pensam o mesmo sobre os tempos de luta. Se Paz acredita que houve uma "vitimização" desse passado, por conta da enorme violência que começou com o golpe, Noronha afirma que "não quis entrar nessa de coitadinho".

"Participei, no Méier [Zona Norte do Rio], de uma 'expropriação' de banco para obter recursos que eram usados para manter guerrilheiros", recorda ele, usando outro jargão usado pelos revolucionários. "Os guerrilheiros ganhavam pouco mais de um s l rio mínimo, viviam vida espartana. Essa história de que 'nós assalt vamos banco para viver bem'... Porra nenhuma!"

Noronha "caiu" e ficou preso de 11 de março de 1970 até 6 de fevereiro de 1979 – sabe até hoje o número de dias que passou atrás das grades. Na hora do julgamento não escondeu que tinha participado da ação, mas não concordou com o processo porque as denúncias tinham sido obtidas por meio de tortura – jamais, segundo ele, falou segredos da organização. Quando perguntado, em juízo, sobre o motivo que o levou a se envolver na "expropriação", usou como resposta a fala de um personagem de Bertold Brecht em "A  pera dos três vint ns": "O que   roubar um banco comparado a fundar um banco?". Conclusão: "Fui condenado por desacato.  ramos considerados jovens cultos e rebeldes".

Além da prisão, o caso de Noronha se diferencia do de Paz por uma característica própria: Noronha tinha uma companheira, no outro sentido do termo. Foi por conta dela que ele, junto com outros presos políticos, lutou para mudar o sistema carcerário, permitindo, entre outras transformações, a visita íntima na cela. "Greve de fome de 16 dias, eu fiz cinco. As de menos tempo, eu perdi a conta", enumera.

Ilma Maria Horsth Noronha, a companheira, hoje tem 61 anos e trabalha como bibliotecária na Fiocruz, no Rio de Janeiro. Fala mais pausadamente que o marido, como se estivesse repetindo um amargo capítulo que aconteceu há tantos anos que ela "começa a esquecer". Revisitando essas duras memórias, contou que quando o marido, na época namorado, foi preso, ela estava grávida da primeira filha. Decidiu imediatamente ir



LATINSTOCK / ALBUM / AIG-IMAGES/AG-IMAGES

para a clandestinidade. Saiu do Centro da cidade e após passar por diversos “aparelhos” (assim se chamavam as células destes movimentos armados), foi morar em uma casa pequena no bairro de Piedade, subúrbio do Rio, com “um menino de 23 anos” que era um dos dirigentes da ALN, Elson Pereira Fortes.

“Minha filha já tinha nascido e para a vizinhança nós éramos um casal recém-casado que tinha vindo morar no Rio, para não ter nenhuma possibilidade de se chegar à minha família, que era da cidade”, conta. Nunca chegou a participar de ações armadas porque era do setor de inteligência. “Fazia levantamento dos bancos a serem assaltados, digo, expropriados, e das pessoas de destaque para serem sequestradas”, explica.

Por uma questão de segurança, ninguém da própria organização conhecia o endereço desse

“aparelho”, diz ela. Porém, quando os companheiros começaram a ser presos, eles tiveram que quebrar algumas regras de segurança para socorrê-los. Em fuga da polícia, um casal de São Paulo fez contato com a ALN, que o deslocou para o endereço de Piedade. E esse casal acabou “abrindo”, ou seja, informando sobre a localização do “aparelho”.

“A polícia chegou lá de madrugada, cercou a casa”, diz ela. “Minha combinação com Elson era que ele tinha que chegar até às 21 horas, era o nosso código. Se não chegasse era porque alguma coisa muito grave tinha acontecido, e eu teria que sair até às 7 horas do dia seguinte. Não sairia de madrugada porque com o bebê chamaria mais atenção”, diz ela, um pouco confusa. “Fui esvaziando a casa, queimando documento, escondendo as armas. Quando eu abri a porta com a Tânia no colo, pronto. Todos se levantaram de armas em

Cuba, com os exemplos de Che Guevara e Fidel Castro (os dois primeiros da esquerda para a direita), exportou o modelo de luta armada, treinando aspirantes a guerrilheiros.

**Saiba Mais**

DA-RIN, Silvio, *Hércules 56 – O sequestro do embaixador americano em 1969*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão (orgs.), *As esquerdas no Brasil, Volume 3: Revolução e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PAZ, Carlos Eugênio, *Viagem à luta armada*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008 (Record, 1996).

Filme

Hércules 56, Silvio Da-Rin, Brasil, 2006.

Acima, dinheiro e livros considerados subversivos são apreendidos no Rio de Janeiro, em 1969.

fotografia, falsificação de documentos, ou como viver na clandestinidade – que foi o caso dele.

José Dirceu voltou clandestino ao Brasil na metade de 1971. Ficou um tempo em São Paulo, no bairro do Brás, mas logo teve que fugir mais uma vez. Primeiro, Recife. Depois, Havana novamente, após passar por um périplo pela Europa. Sempre carregando uma mala com armas, dinheiro e documentação falsa. “Nós transformamos a luta armada e a possibilidade de guerrilha rural numa prioridade”, diz ele. “Na verdade, a gente deveria ter feito uma resistência política e popular à ditadura, combinada com a resistência armada.”

Essa revisão do passado, às vezes, é feita com menos ideologia política e mais melancolia. Os anos de violência, repressão, censura e tortura marcaram profundamente a geração que viveu diretamente esses eventos. Quando começa a falar por que a guerrilha brasileira não funcionou no Brasil, o advogado pernambucano Francisco de Assis Rocha Filho, mais conhecido como Chico de Assis, dá um riso nervoso, de quem percebe como é duro falar do fim dos sonhos da juventude: “Porque [a ideia revolucionária] morreu no período inicial, bem primário de preparação, que seriam as ações urbanas, armadas, para fortalecer a parte rural”, explica replicando o manual guerrilheiro de Marighella [Ver “Como fazer uma revolução”, página 34].

Sua trajetória é a de muitos que optaram por lutar contra a ditadura. Estudante de classe média e militante da esquerda preocupado com os problemas sociais da época. Empolgado com a política, em seu caso, com um exemplo prático no seu estado: o governo de Miguel Arraes, eleito em 1962, “o melhor entre os seus seis mandatos”. Com o golpe, opta por entrar em uma organização dissidente do PCB, o PCBR, com “R” de “revolucionário”, exatamente porque o partidão não tinha pegado em armas contra a “revolução” da direita de 1964. A diferença dos outros grupos, explica Chico, era que o PCBR ainda mantinha uma preocupação partidária. De resto, praticava os mesmos estratagemas, com “expropriações” de bancos para bancar uma futura guerrilha rural, que seria o germe da revolução, esta de esquerda.

“Dava impressão de que estávamos dominando o mundo, vivíamos o dia inteiro em reuniões, em pontos, mas estávamos, cada vez mais, nos resumindo às nossas forças”, conta ele sobre o turbilhão de emoções que era viver na clandestinidade, em “aparelhos”, como profissional do partido. “Nós fomos perdendo à medida que a repressão foi crescendo, que a violência foi se tornando algo real na sociedade, prendendo as ruas do Recife, e das capitais brasileiras, que se tornaram palco de



Guerrilheiros, como o casal Rômulo e Ilma Noronha (acima), faziam "expropriações" em bancos a fim de conseguir os recursos para sustentar a vida clandestina.

arrastões permanentes, dentro dos quais se levava qualquer cara suspeito."

Foi preso em 1970, "ficando nove anos, quatro meses e 27 dias" em reclusão. Ao sair, por conta das amizades antigas, foi trabalhar como assessor de Roberto Freire, então do quadro político do PCB e atual deputado pelo PPS. A única exigência de Chico? Não ter qualquer vínculo com organizações revolucionárias. "O que ficou do comunismo para mim foi a sua feição humanista."

Mesmo com os sofrimentos generalizados, parece haver um sentimento em comum entre quem lutou contra a ditadura: valeu a pena. Uma sensação compartilhada, talvez um novo artigo não escrito na Lei da Anistia, por colocar do "lado certo"

"As lutas pelo aprofundamento da democracia ao longo da história sempre exigiram o alargamento de suas margens", acredita Cid Benjamin

da disputa aqueles que, apesar dos arrependimentos e cuidado nas escolhas de palavras, não tem medo de falar abertamente sobre o período, inclusive desafiando o "outro lado" a fazer o mesmo.

"Tenho orgulho desse passado, pois ele significa que tivemos consciência dos crimes cometidos pelo estado ditatorial e demonstramos que sempre haverá quem lute pela liberdade e pelo bem comum", resume o jornalista Andrei Bastos, que militou na Vanguarda Popular Revolucionária. Assim

como Carlos Eugênio Paz e Rômulo Noronha, o jornalista também entrou no Exército para se preparar para a "linha de fogo". O contato com leituras diversas e com militantes do PCB fizeram com que ele recuasse para a retaguarda da organização.

"A luta armada era inviável no Brasil, especialmente pela correlação de forças absurdamente desfavorável e pela evidência de que a população não seguiria uma vanguarda revolucionária, tanto pelo alto grau de alienação quanto pelo fato de que se vivia uma fase de abundância no chamado 'Brasil Grande'", diz ele enfatizando uma explicação meio comum para o fracasso da oposição à ditadura: a economia.

Quase meio século depois, as controversas memórias finalmente começam a aparecer. Uma mesma cena pode virar objeto de disputa sobre quem teve a ideia de tal ou qual ação. Ou ser narrada de diferentes pontos de vista, às vezes, contraditórios. Há também esquecimentos e lapsos como forma de proteção psicológica. Mas, talvez por conta do esquecimento público, também exista muita vontade de relembrar. Ao menos, para uma parcela que lutou contra a ditadura – e tudo o que ela representou. Filmes, livros, vídeos na internet, blogs, a Comissão da Verdade, esta edição da *Revista de História* mesmo. Não deixa de ser representativa a coleção de informações que apareceu recentemente. Uma onda de versões do que aconteceu.

"Malgrado os erros políticos que cometemos, temos o direito de bater no peito e afirmar que estivemos sempre do lado certo, o lado daqueles que lutaram para conquistar uma sociedade em que todas as pessoas fossem respeitadas igualmente e vivessem com dignidade", escreve o jornalista e professor Cid Benjamin, um dos idealizadores do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick, na apresentação de seu livro de memórias ainda inédito. "As lutas pelo aprofundamento da democracia ao longo da história sempre exigiram o alargamento de suas margens."

Para que a luta – e a juventude – desses homens e mulheres não tenha sido em vão, parece que o artigo secreto da Lei da Anistia está começando a ser desrespeitado. **H**

O Dossiê Guerrilheiros continua no site da Revista de História:

- Mais entrevistas;
- Outras opiniões sobre os guerrilheiros;
- A busca pelas ossadas dos militantes da Guerrilha do Araguaia.

www.revistadehistoria.com.br